Narrativas, conversações e alguns ritornos em meio à feira livre

Maicon Barbosa

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1766>

DOI: 10.4000/pontourbe.1766

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Maicon Barbosa, « Narrativas, conversações e alguns ritornos em meio à feira livre », *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1766> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1766>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Narrativas, conversações e alguns ritornelos em meio à feira livre

Maicon Barbosa

NOTA DO AUTOR

Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação intitulado “Povoar as ruas, encontrar a cidade: potências de apropriação do espaço urbano e modos de subjetivação na feira livre”, apresentado junto ao Colegiado de Psicologia da Faculdade de Tecnologia e Ciências, campus de Vitória da Conquista-BA, em 2009, sob a orientação do Prof. Valter A. Rodrigues e com a colaboração do grupo de pesquisa p_esquizo, ligado ao coletivo Usina – estudos e práticas micropolíticas.

Introdução

- 1 As manhãs de sábado acordam com um ar peculiar que altera os ritmos da pequena cidade do interior da Bahia. Pessoas gritam, andam por todos os lados apressadas ou vagarosas, comem, negociam coisas, conversam, riem. Sons, cores, cheiros, sabores e temperaturas se alastram pelas ruas extremamente povoadas. Corpos se misturam em meio aos corredores estreitos que estendem uma arquitetura quase labiríntica. O contraste produzido por bancas meio desordenadas e lonas estendidas ao chão, frutas e verduras, temperos, multidão em movimento, carrinhos de compras, sons indecifráveis que surgem de todos os lados, entre muitas outras coisas, compõe uma paisagem incrivelmente magnética que arrasta a atenção com força.
- 2 Este trabalho se coloca no encaixe das linhas que se entrelaçam na composição dos modos de relação presentificados na feira livre, que desponta enquanto campo de experiências permeado por uma pluralidade de expressões e instalado no coração da cidade. O foco da pesquisa a partir da qual esse artigo se compôs consistiu em acompanhar alguns modos de subjetivação que se expressam na experiência da feira livre da cidade de Poções-BA e

desdobramentos desses processos em relação às maneiras habituais de vivenciar e criar um espaço público. Encontrar as singularidades desse espaço híbrido propicia outras visibilidades para processos que constituem diferentes dimensões da cidade e que ressoam na relação entre subjetividade e experiência urbana.

- 3 Durante o processo de pesquisa colocou-se o seguinte campo problemático: como operam alguns modos de subjetivação ativados na feira livre e como acontece a apropriação deste espaço público, que se produz e se recria a partir das relações coletivas de alteridade nessa excêntrica experiência da cidade? Esse plano de problemas não foi vislumbrado previamente, antes do encontro com o campo de pesquisa, apesar de haver um forte interesse em pesquisar os espaços abertos das cidades e os modos de relação que aí se constituem. Foi se plasmando e estendendo o seu alcance durante as andanças e vivências que só se produziram em meio à vida na feira livre, indicando certa disposição para o pensamento que emerge na experiência.
- 4 É necessário demarcarmos logo de início a noção de subjetividade com a qual trabalhamos, pois, esse conceito foi fundamental para a articulação de uma série de pontos que compõem a pesquisa. A concepção de subjetividade utilizada advém, principalmente, da obra de Felix Guattari e Suely Rolnik (2005). No horizonte conceitual traçado por estes autores, os modos de subjetivação se compõem e atuam em acoplamento indissociável com a pluralidade de processos sociais, institucionais, culturais, históricos, científicos, econômicos, tecnológicos, midiáticos e ecológicos, entre outros, e operam num contínuum de produção, de mutação, como uma maneira de funcionamento que se movimenta variavelmente. Esses modos de subjetivação se produzem por meio de modulações conectivas diretas e indiretas entre máquinas impessoais – de abrangência coletiva – que perpassam os tecidos sociais, e sistemas maquínicos singulares, que operam nos processos de individuação (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Assim, entendemos a subjetividade enquanto processo que se produz continuamente, através de relações de arranjos singulares e coletivos, e não como objeto estanque que pressupõe a existência de um sujeito naturalizado.

Efeitos da feira: (d)escrivendo a experiência

- 5 A feira livre de Poções acontece atualmente nos arredores do Mercado Municipal e condensa-se na Praça Monsenhor Honorato, na Rua Ruy Barbosa e na Praça Eurycles Macedo. Todo o quarteirão do Mercado Municipal chama-se Praça Monsenhor Honorato, inclusive as ruas que o circundam. Existe uma praça localizada em frente à entrada principal do Mercado Municipal, que também leva o nome de Monsenhor Honorato, para a qual converge uma parte da feira, que, nesse local, ocorre de segunda a sábado. Essa praça é palco de uma série de querelas, pois os feirantes que a ocupam convivem com a ameaça de serem retirados permanentemente desse espaço pela Administração Municipal para que a praça seja reformada, já que se encontra em estado de deterioração arquitetônica. As ruas nas proximidades do Mercado Municipal, da Praça Monsenhor Honorato, da Rua Ruy Barbosa e da Praça Eurycles Macedo, ficam, aos sábados pela manhã, extremamente cheias de veículos que transportam as pessoas para a feira. Essa alteração no fluxo de transportes nas regiões próximas às ruas que acolhem as negociações quebra a regularidade do pacato trânsito dos outros dias da semana, o que torna o dia da feira singular e inconfundível.

- 6 A principal concentração da feira livre ocorre aos sábados pela manhã na rua paralela ao Mercado Municipal, ao longo de todo o quarteirão ocupado por ele, continuando na mesma rua, após o término dessa quadra, até o CEASA¹ da cidade. Da Praça Monsenhor Honorato até o término da quadra do Mercado Municipal, essa rua recebe o mesmo nome da praça. No ponto em que o quarteirão do mercado termina, há um pequeno largo, que também é tomado por bancas, lonas com mercadorias e carrinhos de compra nas auroras do último dia da semana. A partir deste largo, a rua passa a se chamar Rua Ruy Barbosa e a feira bifurca-se três vezes em ruas paralelas: a primeira bifurcação ocorre na rua que delimita o final do quarteirão do Mercado Municipal, paralelamente ao pequeno largo, e as outras duas ocorrem em ruas laterais ao CEASA, que se localiza no quarteirão denominado Praça Eurycles Macedo.
- 7 Verduras e frutas de vários tipos, hortaliças, queijos, requeijões, cereais – arroz, feijão e farinha, entre outros – CDs, DVDs, roupas, calçados e uma infinidade de outras coisas são expostas nas velhas bancas de madeira. Pequenos aparelhos eletrônicos – rádios, relógios, calculadoras e muitos outros –, brinquedos, cintos e bolsas amontoam-se ao longo da rua da feira. Pastéis, coxinhas, esfihas, acarajés, biscoitos, sucos, refrigerantes e cachaças de várias cores e sabores encontram bocas famintas e sedentas que logo lhes dão cabo. Apesar de existirem pequenas zonas de concentração de barracas e lonas com mercadorias afins – como no caso das verduras e das confecções –, a feira é muito misturada. Não há uma separação espacial ordenada a depender do produto vendido. As gentes se misturam com as coisas compondo uma paisagem híbrida.
- 8 Muitas pessoas que são proprietárias de bancas dentro do CEASA colocam seus produtos em lonas estendidas no chão, em bancas e em carrinhos dispostos na rua da feira. Ressalta-se que a feira livre não é separada da parte coberta que abriga as bancas. Não existe uma separação perceptível entre a rua e o CEASA, pois o único elemento arquitetônico que se coloca entre os dois espaços é uma larga calçada que rodeia toda a área construída e que também acolhe as negociações.
- 9 Nesse espaço híbrido há muitos produtos espalhados nas lonas lançadas ao solo e armazenados nas barracas que se localizam ao longo da rua, de modo desordenado, criando uma interessante paisagem de emaranhados, uma “estética da desordem” (ROCHA, 2008). As filas de barracas são descontínuas, tortuosas e variam de um sábado para o outro. Muitas vezes a disposição das bancas nem chega a compor uma fila ou corredor. Exuberantes “gambiarras” (PORTELA, 2007) animam-se por todos os lados da feira, a partir de invenções e improvisos que dão um tom quase caótico ao espaço. Os elementos arquitetônicos móveis amarram-se de tal forma na rua que é preciso fazer alguns desvios durante a andança para não se chocar com eles. É impossível andar pela feira sem se abaixar, fazer curvas bruscas e parar constantemente. O trânsito é muito complexo e o andar é sempre desviante. Torna-se necessária certa ginga para passar pelos espaços que se imbricam. Andar pela feira leva o corpo a uma nova aprendizagem em relação à movimentação, que, nesse lugar, precisa levar em conta a extrema proximidade com outros corpos e as dimensões coletivas da cidade.
- 10 A feira tem múltiplas entradas e saídas, instala-se por ruas, cruzamentos, esquinas, praças, largos e calçadas. Essa configuração da feira reverbera um traço peculiar à cidade, pensada por Deleuze e Guattari (1997a) enquanto multiplicidade que se define por sua capacidade de estabelecer fluxos, passagens, ligações entre circuitos, funcionando a partir de entradas e saídas, de linhas horizontais que criam frequências variadas. Algumas pistas deixadas por Lewis Mumford (2008) – sobre a emergência e as transformações da cidade –

indicam também que o espaço urbano atua como um ímã de atração e como um recipiente de contenção, variando a depender do tempo e do momento focalizado. A função magnética, que atrai fluxos de todos os lados, constitui a cidade como um ponto de convergência, uma densa zona de encontro que evidencia aspectos heterogêneos da experiência urbana. Por outro lado, a função de recipiente concentra os agentes sociais e fornece um campo circunscrito para as relações que se desdobram neste plano.

- 11 Para Janice Caiafa (2007), há uma expressão nômade da cidade, que emerge em decorrência dessa força de atração urbana que arrasta uma pluralidade de processos. “[...] a emergência da cidade envolve um nomadismo. Ela precisa ser um ímã para estranhos de toda sorte que vão povoar esse espaço de constante movimento, esse campo atravessado por trajetórias e em expansão horizontal” (CAIAFA, 2007, p.118, grifo da autora). Assim, a cidade é pensada enquanto espaço de circulação intensiva e de dispersão contínua, que caracterizam, de certa forma, uma espécie de nomadismo propriamente urbano. São as passagens variadas, os deslocamentos casuais, os deslizamentos pela superfície urbana que vão, nesta perspectiva, marcar a experiência da cidade. O espaço produzido na feira se apresenta como multiplicidade conectiva, encruzilhada de trajetórias e, ao mesmo tempo, pode ser articulado a essa atratividade, à função magnética, pois coisas e gentes, atraídas pelo movimento das manhãs de sábado, circulam intensamente por entre os corredores que se improvisam no meio da rua.

Proximidades e distâncias: impasses éticos na pesquisa

- 12 Os percursos na feira sempre se desenharam a partir do momento de chegada, já que não havia planejamento prévio da rota a ser seguida. Durante as andanças nesse lugar praticado (CERTEAU, 2008), a minha relação de proximidade com o espaço foi um elemento que esteve extremamente presente. Encontrei muitos conhecidos e amigos nas incursões entre feirantes, fregueses e passantes, com os quais aconteciam conversações, na maioria das vezes rápidas, sobre assuntos diversos, inclusive sobre a pesquisa. Naquele momento, mantinha-se certa proximidade entre o pesquisador e a feira, e isso se colocou como um impasse ético que problematizou e impulsionou simultaneamente o processo de pesquisa. O exercício de distanciar-se foi necessário, mas não remetia a um distanciamento supostamente neutro do pesquisador em relação ao campo de pesquisa. Ao invés de tentativa de neutralidade, esse distanciamento funcionou como uma atividade que possibilitou a construção de outro olhar, capaz de estranhar o cotidiano e suas relações, às vezes invisíveis à nossa familiaridade perceptiva. Foi esse infinitesimal distanciamento que me permitiu estranhar o campo, perceber outros matizes e movimentos, sentir as pequenas variações do universo da feira. Como coloca Canevacci (1997), as pesquisas etnográficas urbanas precisam se instalar na ambigüidade de uma máxima distância e uma máxima internidade, que dão um tom de obliquidade ao processo. “É preciso estar dentro e fora do espaço urbano: saltar na cidade” (CANEVACCI, p. 21, 1997). Trata-se de um olhar de perto e de dentro que opera as passagens para um olhar distanciado (MAGNANI, 2002), necessário para uma apreensão mais ampla da cidade. A própria relação com o espaço urbano, os investimentos de desejo, a construção de uma ética nos encontros com a feira e suas multidões, bem como as implicações políticas do pesquisador, passam pelos agenciamentos urbanos que compõem a experiência e os modos de apreensão decorrentes.

- 13 Durante esse processo de pesquisa diversos impasses e problemas foram se colocando e forjando a criação de estratégias que possibilitassem uma aproximação experiencial com os planos da feira. O trabalho que se fez necessário acompanhou os ritmos e variações do universo pesquisado e, por isso, em todos os aspectos do processo, particularmente na escrita, a experiência de campo aparece com intensidade. Partindo das impressões e marcas gravadas no corpo – por meio do campo que se cria coletivamente durante uma pesquisa – os conceitos foram se aproximando e interferindo no processo. “Os conceitos devem render-se às realidades e não o inverso” (GUATTARI, 1988, p. 145).
- 14 Desta perspectiva, que se direciona para uma cumplicidade com as realidades que se apresentam, alguns problemas em relação ao rigor da pesquisa começaram a se dispor: o que é um trabalho de pesquisa rigoroso? Até que ponto é possível pensar em rigor numa pesquisa em ciências humanas? Essas perguntas trouxeram incômodos variados que nos forçaram a pensar a questão do rigor, incitando a invenção de uma prática implicada. O rigor que opera por aqui é o rigor da experiência, que só pode vir a se exprimir quando há o mínimo de suspensão em relação às conceituações e hipóteses pré-existentes ao contato com o campo de pesquisa. Tal rigor não é facilmente colocado em ação, e também não se refere a uma atividade de campo supostamente pura, descolada de todos os processos de subjetivação que entraram em composição anteriormente à pesquisa. Suspende as conjecturas precedentes – que podem impedir a captação de um movimento novo e inusitado – é um exercício delicado que exige muito mais a construção de uma ética de pesquisa do que a confecção de procedimentos fixos para operacionalizar as experiências de campo.
- 15 A escrita começou a se desenrolar simultaneamente ao trabalho de campo, o que intensificou a pluralidade expressiva da feira no texto. Obviamente, um esforço maior fora despendido, pois a escrita compõe-se e reconfigura-se incessantemente quando os registros ocorrem sob o prisma da efemeridade e da fragmentaridade. O que se passou no corpo durante os encontros com a feira e suas expressões tornou-se dizível, de certa maneira, através do ato de escrever. Os elementos que entram em trânsito nas linhas dessa escrita não são tentativas de reprodução ou de representação das experiências vividas, mas sim, processos diferenciais de apreensão que só se atualizam a partir de um pôr-se em contato, dos encontros com os atores que constituem esse território híbrido que é a feira. Escrever é um outro plano de intensidade da pesquisa – não necessariamente posterior ao trabalho mais empírico, pois a escrita também aconteceu simultaneamente aos passeios pela cidade, através do uso de diário de campo – que margeia o convívio direto com os acontecimentos e ritmos da feira livre. Estar no campo, experienciar a exuberância incógnita das ruas povoadas nas manhãs de sábados, não é a mesma coisa que escrever. A escrita se desenrola a partir das impressões e marcas que se registram variavelmente no corpo², e isso indica que, experienciar e escrever por meio da experiência, são processos inevitavelmente distintos, mas que se coadunam na composição da pesquisa de campo e do próprio texto.
- 16 Entre os procedimentos metodológicos que se desenharam em meio à experiência, utilizamos a observação participante, anotações em diário de campo e conversas informais com fregueses, feirantes e passantes. Durante a pesquisa de campo, três espaços se constituíram como os principais pontos de parada na feira: a banca de cereais de João do gás, a banca de frutas, verduras e biscoitos de Rilda e o carrinho de miudezas de Genivaldo. Em alguns momentos participei ativamente das atividades dos feirantes, realizando negociações, passando troco e atendendo aos fregueses que chegavam. Essa

experiência enriqueceu enormemente a aproximação em relação ao *ethos*³ que se produz nesse espaço de negociações materiais e imateriais variadas.

Forças e variações da feira

- 17 As feiras livres apresentam-se como práticas que acompanham o próprio processo de formação das sociedades (PORTO, 2005) e que chegam ao Brasil juntamente com os primeiros europeus, inaugurando nestas terras um novo jeito de negociação, que se diferencia muito das formas de troca que ocorriam entre os nativos (TREVISAN, 2008). A feira desempenhou uma importante função no desenvolvimento econômico, espacial, cultural e político das cidades, constituindo-se enquanto território com temporalidades e espacialidades acentuadas, que se engendra em decorrência de inúmeras relações que reverberam em seu espaço (PORTO, 2005). O território da feira não é de modo algum isomorfo e inalterável, pois sempre passa por desterritorializações e reterritorializações⁴ que dinamizam as dimensões materiais e imateriais que o compõem, estendendo novas possibilidades de arranjo e de criação de *ethos* multifacetados, enredando uma “estética da desordem” (ROCHA, 2008) que infesta a cidade com a potência de zonas abertas de expressão.
- 18 A palavra feira vem do termo latino *feria*, “dia de festa”, e esse sentido mantém uma proximidade com os aspectos festivos presentes nessa experiência da cidade. A feira atrai pessoas de vários lugares para povoar o espaço inquietantemente, numa efervescência própria e singular, marcando uma temporalidade de festa. Elias Canetti (2005) põe em cena a imagem da massa festiva que se aglomera numa espacialidade de excesso para provar e compartilhar os elementos que se dispõem em demasia. Essa imagem da massa festiva nos remete à feira livre e a suas variedades, leva-nos a pensar que esse acontecimento urbano coletivo guarda proximidades com a festa. Como aponta Bakhtin (1987), a praça pública na Idade Média convergia expressões da vida que se efetuavam numa “exterritorialidade” em relação à ordem vigente, pois permitia que elementos da linguagem popular se colocassem num território próprio, constituindo um efêmero mundo alegre em meio às trevas medievais. Tais aspectos subversivos emergiam nos dias de festa, que coincidiam com os períodos de feira, indicando uma indissociabilidade entre feira e festa.
- 19 A feira se corporifica como um espaço público efetivo, onde acontecem negociações e sociabilidades plurais que traduzem tendências variantes. Seguindo alguns rastros etnográficos deixados por Viviane Vedana (2004), percebemos que esse espaço urbano se dá enquanto plano de relações múltiplas e de intensas trocas, onde a heterogeneidade dos modos de vida e a diversidade de trajetórias sociais são aspectos preponderantes. A partir de uma pesquisa na feira livre da Epatur, em Porto Alegre, a autora enfatiza as relações de sociabilidade, a estética peculiar desse “espaço vivido” e a criação de ritmos próprios que se inscrevem na dinâmica temporal e espacial da cidade, o que nos indica que a experiência contemporânea da feira livre configura importantes arranjos sociais que tangenciam a constituição de territórios urbanos coletivos.

Narrativas da feira: negociando conversas

- 20 Durante a pesquisa de campo, fez-se necessário traçar algumas distinções em relação aos atores que povoam a feira. Distinguimos três modos de ser-fazer nessa vivência da cidade: os feirantes, os fregueses e os passantes. O termo feirante coloca-se para aqueles que realizam algum tipo de trabalho na feira e que vivenciam esse lugar como meio de subsistência econômica, que não acontece separada de outros processos. O freguês é aquele que efetiva algum tipo de negociação com os feirantes. Geralmente, essa negociação se dá na compra de determinado produto, na troca de um produto por outro ou na prestação de um serviço. Os passantes são aqueles que não funcionam nem como fregueses nem como feirantes. Estão apenas de passagem pela feira e não querem negociar nada. Em Poções, muitas pessoas vão comumente à feira sem roteiros pré-estabelecidos. Nesses passeios, acontecem muitos encontros casuais, conversas, paradas e pesquisas. A linha de distinção entre um passante e um freguês é extremamente tênue, frágil, pois é comum que alguém que saiu de casa sem planejar compra alguma, encontre algo interessante e faça uma negociação.
- 21 O espaço da feira inunda-se com pontos de parada transitórios, onde acontecem encontros e conversas de várias maneiras. Muitas narrativas são produzidas nesse ponto da cidade nas manhãs de sábado, tornando-o lugar de trocas imateriais em que os corpos e suas histórias se cruzam e se interferem. O ato de contar causos figura como um traço performático dos modos de subjetivação (GUATTARI, 2006) que se produzem no meio dessa experiência urbana.
- 22 Numa das andanças pela feira, enquanto parei por um instante para falar com um conhecido que me interpelava, um senhor descascava laranjas sentado num tamborete de madeira ao lado. Depois de um tempo, ele olhou para mim e comentou sobre o azedo da fruta que acabara de provar. Nesse momento, começamos a conversar e isso aconteceu muitas outras vezes depois desse dia. João do gás – que ganhou esse nome quando negociava querosene, na época em que ainda não havia energia elétrica na cidade – narrou alguns causos de brigas, nas quais havia se envolvido quando era mais jovem, em virtude de problemas com maus pagadores. Ele falava pormenorizadamente do desfecho de situações em que precisou usar sua força física para não ser enganado por velhacos e espertalhões de toda sorte. Em outro dia, João do gás contou causos da época em que trabalhava numa fazenda, cuidando do gado e vendendo os animais. Falou também sobre a memória das coisas que tinha vivido: “quando fico parado assim, lembro de tudo. Lembro de tudo que já passou comigo.” Nas conversas com João do gás, quando contava as histórias das aventuras de sua longa vida de comerciante, ele não as narrava apenas oralmente. O corpo meio cansado daquele feirante ganhava outra força, encarnava uma infinidade de gestos que se articulavam com a fala na composição das narrativas. A memória que se atualiza no corpo desse feirante não busca um passado perdido que se fora para sempre. Antes, ela coloca em cena, no presente, aquilo que se passou junto com ele, e que se faz atual no instante mesmo da narrativa.
- 23 Durante uma conversa com esse feirante, um de seus fregueses se aproximou e começou a conversar também. Francisco morava na cidade há cerca de seis anos, mas falava da roça e de como era a vida lá. Esse senhor de rosto marcado pelo tempo e sorriso constante era um exímio contador de causos. Punha-se a falar de modo muito singular de assuntos os mais variados possíveis, desde a economia do país até a meteorologia e seu

funcionamento, passando por histórias misteriosas que vivera durante sua vida na zona rural. Os encontros com Francisco se tornaram freqüentes, pois ele sempre passava pela banca de João do gás para comprar alguma coisa, mas, principalmente, para conversar. Em meio às conversas com esse contador de histórias, outros passantes entravam nos diálogos e disparavam outros contos, que tomavam rumos imprevisíveis. Algumas vezes, um ou outro conhecido de Francisco brincava com ele, afirmando, às gargalhadas, que aquela história contada era uma mentira.

- 24 O que essas narrativas nos contam sobre o modo de vida na cidade? Será que essas histórias falam apenas da singularidade dos narradores, ou se misturam à vida coletiva presente nesse canto da urbe nas manhãs do derradeiro dia da semana? As narrativas da feira não se arranjam enquanto histórias de indivíduos monólogos, isolados das forças constitutivas do próprio espaço. Essas narrativas vão se transformando através da interferência dos ouvintes e ganham rumos inesperados com as intercessões daqueles que entram na conversa.
- 25 As conversações que pululam entre os apertados e confusos corredores da feira acontecem de modo aberto, quase sempre deixando espaço para que outras pessoas entrem nas performances orais. Em muitos momentos vivenciei situações em que outras pessoas entraram numa determinada conversa, que se desenrolava inicialmente com um feirante, e colocaram assuntos novos, assim como continuaram assuntos que já estavam em processo de diálogo. Essas entradas são extremamente comuns nas maneiras de comunicação expressas na feira. Numa outra andança, enquanto acompanhava Genivaldo nas suas negociações, uma freguesa que estava comprando noz-moscada – semente aromática usada como especiaria – interpelou-me da seguinte maneira: “comprar aqui, porque remédio de farmácia, tem hora que não dá jeito mais não”. Numa outra situação, um passante que transitava pelo corredor repleto de gente começa uma rápida conversa: “esses controles tem que testar na televisão, né? Vai que não dá certo”. Ele se referia a um vendedor ambulante de controles remotos que andava com seus produtos nas mãos. Esse modo aberto de conversação se estabelece entre qualquer pessoa na feira, não importando se elas se conhecem ou não. A feira se compõe enquanto um lugar de conversações, de troca de experiências, que conecta processos da vida dos feirantes, dos fregueses e dos passantes, os quais partilham, além de outras coisas, a própria experiência singular de estar nesse espaço urbano.
- 26 As conversações ocorrem muito rapidamente, numa velocidade ampliada. E isso não significa que as pessoas não se comunicam ou que se comunicam de maneira incompreensível. Trata-se de um modo vertiginoso de comunicação, em que, pelo menos em nossa experiência, percebemos que há intensas trocas imateriais entre os falantes. Sobre esse ponto, Genivaldo dizia que as conversas com os fregueses acontecem, mas que procurava encurtá-las: “tem que atender os freguês, e não dá tempo de ficar conversando muito.” A fala de Genivaldo expressa com precisão essa dimensão fragmentária e veloz das conversas na feira, que são atravessadas por inúmeros interesses e necessidades. Ocorrem passagem de fluxos lingüísticos e a velocidade aumentada desses fluxos funciona como vetor de diferenciação das apreensibilidades, produzindo um efeito que poderíamos chamar de conversa rápida. Os processos comunicativos proliferam, aparentemente, de modo desordenado, confuso, quase incompreensível. Mas, trata-se de uma maneira de passagem das conversações que faz emergir outra comunicação, uma troca direta de palavras, frases, gritos, olhares e gestos, disparados nas andanças e paradas do ato de “fazer a feira.”

- 27 Permeada por diferentes modulações subjetivas, a feira acolhe uma multiplicidade de movimentos e intensidades, uma pluralidade que a torna um território híbrido, afetivo, econômico e político. Pensando a cidade contemporânea, Canevacci (1997) aponta as suas configurações polifônicas, que agregam uma gama infinita de fluxos comunicativos expansivos e mutantes: enxame de sons que reverberam infinitamente, melodias que se cruzam produzindo musicalidades ainda inauditas, multiplicação de sensações e percepções. Esses aspectos colocados por Canevacci em relação às cidades podem ser pensados na experiência da feira livre, pois tal território faz passar uma série de performances orais, incita narrativas variadas, ecoa conversações abertas, polifônicas, que interferem nas subjetividades produzidas nesse meio urbano.
- 28 Os corpos se tocam constantemente na feira. Nos estreitos corredores, todos se encostam e os contatos físicos são quase inevitáveis. Com frequência, carrinhos de compra e pessoas transitam pelo espaço labiríntico dificilmente. Durante uma das andanças, uma senhora fala em alta voz passando por um corredor apertado: “tem gente que não sabe andar!” Ela se referia a um esbarrão que havia sofrido na andança, pequeno acidente que a deixara furiosa. Essa expressão enunciada em plena passagem é muito interessante, pois se refere a um saber que se produz na imanência da feira, um saber-andar, um saber indissociável da prática. É um conhecimento que só se cria nos cruzamentos da rua-feira, nos corredores embolados desse mundo vertiginoso e potente.
- 29 Certeau (2008) aponta que o ato de caminhar, de se deslocar, tece a própria cidade, compõe a sua paisagem temporária, em movimentos agudos e quase imperceptíveis. O espaço se cria simultaneamente ao momento de passagem. Os fazeres cotidianos dos habitantes que transitam pela cidade imprimem marcas e variações no espaço que tornam a experiência urbana singular e inédita. Nesse lugar praticado que é a feira, não há separação entre sujeito e meio, entre habitante e espaço urbano, pois, aquele que transita pela cidade não vivencia este espaço enquanto algo dado, preexistente e cristalizado. O transeunte o cria ao mesmo tempo em que cria a si próprio, num jogo de interferências mútuas. Assim, o espaço urbano se corporifica, torna-se consistente e vivo a partir das conexões com os corpos⁵ daqueles que o atravessam, emergindo com uma construção multiforme sempre inacabada. Como afirma Paola Berenstein Jacques (2007, p.95), a cidade “ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada [...] Os praticantes da cidade, como os errantes, realmente experimentam os espaços quando os percorrem e, assim, lhe dão ‘corpo’ pela simples ação de percorrê-los”.

Gritos, risos e ritmos: sobre alguns ritornelos

- 30 Era muito comum que os feirantes chamassem a atenção dos passantes e fregueses de diversas maneiras, e as estratégias mais utilizadas estavam ligadas às expressões orais que variavam extraordinariamente. Ao passar diante das barracas ou lonas abertas no chão e apinhadas de mercadorias, alguns feirantes sempre tentavam chamar a atenção, oferecendo alguma coisa. Duas frases que aparecem com muita frequência são: “pode dizer aí freguês!” e “vamo ver alguma coisa hoje amigo?” Acontece um jogo de palavras, uma variação da língua, que parece se concentrar intensamente nos aspectos sonoros e musicais das enunciações. Essas atuações orais utilizadas para atrair atenções carregam uma veia cômica que se expressa em diversos momentos, pois as brincadeiras dos feirantes são frequentes no dia-a-dia da feira. Segue um breve diálogo, presenciado nas andanças, entre um vendedor ambulante de conchas e uma freguesa:

- 31 – Olha a concha freguesa. É três por cinco reais.
- 32 – Não!
- 33 – É cinco por cinco reais.
- 34 – Não, hoje não.
- 35 – É tudo por cinco reais! [O feirante ri com muita estridência nesse momento.]
- 36 No convívio com Genivaldo – um vendedor ambulante de pequenos utensílios domésticos, que na feira são chamados de miudezas – percebi que ele produz um modo de enunciação que vai se repetindo e ganhando diferenciações pequenas. A entonação dessa enunciação é bem diferente das entonações da sua fala durante as conversações comigo e com os fregueses. Trata-se de uma musicalidade, de uma criação enunciativa que se põe para além da semântica e que se conecta com a paisagem da feira, com o ethos do carrinho de miudezas.
- 37 Oia o coador minha senhora. Nanoscada, borracha de panela. Oia o coador! [pausa] Oia a nanoscada, coador de um real. Borracha de panela, linha. Oooia o coador... maaaata barata! [pausa] Tesoura, faca, linha. Oia o coador de um real. Borracha de panela. Maaaaata barata!
- 38 Essas frases eram ditas muito rapidamente, e sempre se repetiam, com algumas variações, em todas as vezes que acompanhei as atividades de Genivaldo. Próximo ao local onde se localiza o carrinho de miudezas desse feirante, aos sábados, há uma banca de queijos e requeijões, cujo proprietário desenvolve uma curiosa performance para chamar os fregueses. Ele grita: “umbora comer gente!” Os gritos se repetem e ganham entonações singulares. Essa performance oral varia menos perceptivelmente do que aquela produzida por Genivaldo. Os gritos desse feirante – “umbora comer gente” – disparam uma comicidade própria, que multiplica muitas gargalhadas pela feira. Um vendedor ambulante, que circula com o seu carro de churrasco, também desfere enunciações e músicas muito interessantes. Primeiro ele libera um forte grito: “boi na braaaaasa!” Gritos altíssimos, que carregam uma rouquidão peculiar, uma extrema variação de timbre que leva a voz a sons quase inumanos, próximos da sonoridade de um berro de boi. Depois, este feirante costumava cantar trechos de alguma música debochada: “Tô, tô, tô, tô mandando brasa. Pego a mulher na rua, e mando ela pra casa”.
- 39 Nas performances sonoras do vendedor de churrasco e do vendedor de queijos há um forte traço humorístico. Após os gritos, vários fregueses, passantes e feirantes, expressavam risos e gargalhadas e comentavam algo ligado ao enunciado-grito. Numa das experiências nesse ponto da feira, após o vendedor de queijo gritar “umbora comer gente”, uma mulher que passava falou: “Aí fica difícil. Comer gente não dá não [risos]”. Essas performances sonoras sempre interferem no movimento da feira, afetam de alguma maneira aqueles que passam por perto. Alguns passantes e fregueses, quando se aproximam do carro de churrasco, simulam os gritos do vendedor, numa interessante relação lúdica. Bakhtin (1987) afirma que a propaganda popular sempre foi brincalhona, sempre gracejou de si mesma. Aponta que a linguagem subversiva da praça pública na Idade Média criava uma alegre língua especial e uma “liberdade de expressão”, sobretudo nos dias de feira, de festa e de carnaval. Pensando nessa possibilidade de invenção expressiva, percebemos que a feira se constitui como espaço de abertura para manifestações das mais variadas possíveis, estendendo um território que, talvez, pudessemos chamar de território partilhado e coletivo.

- 40 As performances de muitos feirantes, como Genivaldo, exprimem a jocosidade com menos intensidade. Os enunciados expressos por ele têm uma duração temporal mais longa e não são gritos propriamente ditos. São oralidades que se distribuem em ritmos contínuos, sem muitas variações de tom. Essas performances aproximam-se muito mais de signos musicais, de ritornelos, do que das noções de enunciado significante. Os sons da feira constituem uma narrativa parcial, uma fragmentação sonora, um ritornelo próprio que constitui um território. Deleuze e Guattari (1997b) pensam o ritornelo, a partir da musicalidade, enquanto um agenciamento que compõe um território qualquer e que pode desempenhar outras funções.
- 41 Num sentido geral, chamamos de ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais [...] Num sentido restrito, falamos de ritornelo quando o agenciamento é sonoro [...] (DELEUZE; GUATARI, 1997b, p. 132, grifo dos autores).
- 42 Por entre essa perspectiva, um território se estende e se afirma quando os ritmos tornam-se expressivos. Ou seja, há territorialização quando as matérias de expressão compõem um ritmo, também expressivo. As excêntricas performances orais dos feirantes colocam-se como ritornelos que criam uma territorialidade na feira, diagramam um ethos temporário que dá consistência ao plano em que acontecem as atividades. Os gritos e anúncios em alta voz enxameiam a feira com ritmos singulares, evocando uma territorialização, um dimensionamento existencial que cadencia o caos, sempre em vias de abertura, do meio de expressão.
- 43 A partir dessa concepção de ritornelo apreendemos que a atmosfera sonora produzida por alguns feirantes desempenha uma “funcionalidade”, mas explicita simultaneamente dimensões estéticas que não são necessariamente “úteis”. Essa estética presente nos ritornelos dos feirantes traz, para o território que se produz, processos criativos que levam a experiência da feira livre a ultrapassar os limites da “utilidade” econômica. Ao mesmo tempo em que a função de atrair os fregueses se dá, colocam-se em jogo tessituras diferentes, outras coisas, como, por exemplo, o lado cômico e debochado das performances orais que se desdobram para outros feirantes, para fregueses e para passantes.

Anotações últimas

- 44 Pode-se entrar e sair da feira por vários caminhos e atalhos. As veias desse espaço se abrem para todos os lados, por onde correm vivos rios de gente. As linhas deste texto também se colocam em múltiplas saídas, e não pretendem de maneira alguma formar uma conclusão hermética e universalista em relação às singularidades e excentricidades, muitas vezes inapreensíveis, dessa experiência. A feira livre de Poções configura-se com um espaço coletivo de negociações e de relações comuns, que povoa as ruas, atrai fluxos de pessoas e coisas, inscrevendo traçados peculiares que interferem nos modos de subjetivação produzidos nos encontros, nas conversas e nas narrativas que se instalam por entre feirantes, fregueses e passantes. Entretanto, a feira acolhe também pequenos embates cotidianos que se tornam quase invisíveis, como os desentendimentos não raros entre feirantes e fregueses durante uma negociação, além dos pequenos furtos e brigas que por vezes acontecem nos entremeios desse espaço.

- 45 O contato com as ruas nos dias de feira se dá de maneira singular, diferenciando-se muito do modo de experienciar esses espaços nos outros dias da semana. O dia de feira interfere na dinâmica dessa pequena cidade, alterando o trânsito de veículos, aumentando o fluxo de pessoas pelas ruas e intensificando o comércio – não apenas para os feirantes –, o que faz a circulação econômica ganhar um volume muito maior do que nos outros dias. Para apreender algumas configurações da feira de Poções e as alterações que ela introduz na própria cidade foi preciso levar ao extremo o ato de estranhar o cotidiano desse espaço, o que possibilitou a criação de outras maneiras de se perceber as corriqueiras relações do dia-a-dia na urbe que, às vezes, tornam-se quase inapreensíveis e envoltas pela opacidade. Esse ato de estranhamento das superfícies coletivas do cotidiano da feira encontra ressonâncias naquilo que Pierre Clastres (2004) chama de capacidade de surpresa, traço que segundo o autor seria indispensável em qualquer trabalho de cunho etnográfico.
- 46 A multiplicidade de expressões na feira livre nos força a pensar a questão de como se criam espaços públicos nas malhas das cidades contemporâneas. Falamos em criação, pois não concebemos o espaço público como uma entidade pronta, que existe com uma realidade dada, externa às interferências daqueles que constituem a cidade e que são constituídos por ela. Nesse sentido, afirmamos que só é possível vivenciar um espaço público efetivo quando a cidade é tomada em sua potência coletiva de expressão, que nada tem a ver com as práticas de privatização cada vez mais frequentes nos planos urbanos. Essa experiência de pesquisa nos levou ao encontro de modos de relação, com o espaço e entre os próprios atores do cenário citadino, que disparam essa potência fundamental para que os lugares sejam apropriados e inventados de maneira aberta e partilhada.
-

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC-Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- CAIAFA, Janice. Aventura das cidades: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CANETTI, Elias. Massa e poder. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad. Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CLASTRES, Pierre. Uma etnografia selvagem. In: Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a.

_____. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles. Espinosa: filosofia prática. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUATTARI, Felix. Caosmose: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise. Trad. Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência. Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Universidade Federal da Bahia, Salvador, ano 5, número especial, p. 93-103, 2007.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 19, n. 1, pp. 15-22, jan/abr. 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-29, jun. 2002. Disponível em . Acesso em 15 jul. 2009.

MATOS, Olgária Chain Féres. Ethos e amizade: a morada do homem. Revista IDE: Psicanálise e Cultura, n. 46, São Paulo, p. 75-79, 2008.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PORTELA, Thais de Bhathumchinda. O caminho da ação entre o padrão e a gambiarra. Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Salvador, ano 5, número especial, p. 79-92, 2007.

PORTO, Gil Carlos Silveira. Configuração sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-Ba e arredores no circuito inferior da economia. 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A poeira do tempo e as cidades tropicais, um ensaio interpretativo do patrimônio e as dinâmicas da cultura em sociedades complexas: Revista Iluminuras: Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Porto Alegre, vol. 09, n. 20, 2008. Disponível em: . Acesso em: 15 out. 2009.

TREVISAN, Emerson. A feira livre em Igarassu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência do formal e do informal. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

NOTAS

1. É importante colocarmos que quando usamos a palavra “CEASA” ao longo do texto, não nos referimos às empresas estatais ou de capital misto destinadas a promover, desenvolver, regular e organizar a comercialização atacadista de produtos da hortifruticultura na região. Esse termo diz respeito ao uso corrente feito pelas pessoas no cotidiano da feira quando se referem ao Centro de Abastecimento Francisco Paradella, construído pela Prefeitura Municipal em 2004. Essa construção arquitetônica – constituída por uma cobertura metálica, que se sustenta em colunas de concreto, e por várias bancas feitas de material de alvenaria – foi erguida para abrigar, sobretudo, os feirantes que comercializavam carnes em meio à feira livre. No período de construção do CEASA houve uma intensificação de visitas da Vigilância Sanitária à feira e, a partir de então, esse tipo de produto apenas pode ser vendido em açougues com refrigeradores apropriados ou nas bancas equipadas com telas de proteção, localizadas sob a reluzente cobertura metálica do Centro de Abastecimento.
2. Para uma discussão mais densa sobre o funcionamento da atenção, assim como da disposição dos sentidos, da percepção e do corpo no processo de pesquisa de campo, ver KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, pp. 15-22, jan/abr. 2007.
3. Olgária Matos (2008) evoca o termo *ethos* no sentido grego de “morada”, habitat, e, em relação às maneiras pelas quais o ato de habitar se constrói, fazendo uma interessante aproximação com a noção de amizade.
4. Sobre desterritorialização e reterritorialização, ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
5. A partir das intercessões com o pensamento de Espinosa, Deleuze (2002) pensa o corpo através de duas dimensões constitutivas: a primeira refere-se às velocidades e lentidões variáveis da infinidade de partículas que o compõe, e a segunda diz respeito à sua capacidade de afetar e de ser afetado nos encontros com outros corpos. Essa concepção produzida a partir da filosofia espinosana nos fornece algumas importantes pistas para pensarmos com mais consistência a relação entre o corpo e o espaço urbano.

RESUMOS

Esse artigo tem como foco acompanhar e analisar alguns modos de subjetivação que se expressam na experiência da feira livre na cidade de Poções-BA. Durante a pesquisa foram utilizadas observação participante, anotações em diário de campo e conversas informais – com fregueses, feirantes e passantes –, ao longo de nove meses de trabalho de campo na feira. Por meio dos efeitos engendrados durante a pesquisa, percebe-se que as performances orais dos feirantes produzem um território singular e diagramam um *ethos* que dá consistência ao plano em que acontecem as atividades. A feira constitui um território afetivo, econômico e político, cujos modos performáticos condensam-se em três figuras: o feirante, o freguês e o passante. O espaço da feira livre se compõe enquanto cenário de conversações, trocas de experiências e narrativas

diversas, que conectam os processos da vida daqueles que partilham tal lugar, fabricando, entre outras coisas, o ato singular de viver esse espaço urbano.

This article intends to observe and analyze some ways of subjectivity that express the experience of open street market in the Poções city, Bahia state. During the research, were used participating observations, notes in a logbook and informal conversations – with customers, marketers and passerby – over nine months of field work at the street market. Through the effects engendered during the research, perceive that the oral performances of stallholders produce a singular territory, diagram an ethosthat gives consistency to the plan that the activities happen. The open street market is an affective territory, economic and political, which performatics ways condense into three figures: the marketer, the customer and the passerby. The space of the open street market is composed as a scenario for conversations, exchanges of experience and diverse narratives that connect the processes of life of those who share such a place, making, among other things, the singular act to live in this urban space.

ÍNDICE

Keywords: open street market, modes of subjectivity, narratives

Palavras-chave: feira livre, modos de subjetivação, narrativas

AUTOR

MAICON BARBOSA

Mestrando em Psicologia Social e Política pela Universidade Federal de Sergipe - UFS - e professor substituto do Departamento de Psicologia da mesma universidade.